

V DOMINGO DO TEMPO COMUM

1. A liturgia deste domingo lembra aos cristãos uma virtude da maior excelência e importância. É a virtude da humildade. É que só Deus é Senhor, só Ele é santo e cada um de nós não é mais que um servo humilde e filho amado de Deus.

A Palavra de Deus deste domingo consagra esta humildade com três exemplos: o de Isaías, que se considera um homem impuro e mesmo indigno de falar em nome do Senhor; o de Pedro, que sabe ser um homem pecador e, por isso, incapaz da missão que Jesus quer confiar-lhe, e o exemplo de Paulo que, reconhecendo Cristo ressuscitado e assumindo que tinha sido perseguidor dos cristãos, se sente alvo de uma enorme ternura de Jesus ao ser escolhido para Apóstolo, apesar de não ser mais que um “aborto”, segundo a sua própria descrição.

2. A humildade é a marca dos que são chamados por Deus para uma missão específica. Cada um dos cristãos é chamado a ser apóstolo por força do seu Baptismo. Poderá parecer que o trabalho realizado não teve êxito. Não há que ter receio porque o valor desse trabalho não está na pessoa que o realiza, pois quem dá o incremento é sempre Deus.

ISAÍAS e a sua humildade – Primeira Leitura

3. Este profeta fala da sua própria vocação. Teve uma experiência interior em que se sente chamado por Deus para uma missão muito difícil: anunciar ao povo em cativeiro na Babilónia que Deus não o esqueceu.

Perante a responsabilidade da missão, assusta-se e sente que não tem capacidade para realizar o que o Senhor lhe pede. Por isso exclama: “Ai de mim que estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros.” (Is 6,5). Perante este grito de humildade, o anjo enviado por Deus, com um carvão ardente, tocou-lhe nos lábios, que ficaram purificados.

Se é grande a humildade do profeta que se considera indigno da missão, é ainda maior a misericórdia de Deus que o purifica, para poder anunciar as mensagens que o mesmo Deus quer fazer chegar ao seu povo, por vezes muito renitente.

Perante isto, o profeta aceita a missão: “Eis-me aqui, podeis enviar-me.” (Is 6,8)

PAULO e a sua humildade – Segunda Leitura

4. O Apóstolo, na sua catequese aos cristãos de Corinto, fala do essencial que é a ressurreição de Cristo segundo a sua experiência pessoal. “Transmitem-vos o que eu mesmo recebi.” (1Cor 15,3) As aparições aos Apóstolos são o testemunho maior da verdade da Ressurreição.

Paulo enumera as múltiplas situações em que Jesus ressuscitado aparece aos seus e conclui dizendo que também lhe apareceu a ele, que não presta, que é como um aborto (1Cor 15,8), o menor dos Apóstolos, que não é digno de ser chamado Apóstolo (1Cor 15,9).

Nesta descrição maravilhosa, Paulo termina com uma frase lapidar, consagração da sua humildade: “Pela graça de Deus sou aquilo que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil.” (1Cor 6,10)

Esta página da Carta aos Coríntios é a expressão máxima da humildade de Paulo que aceita, em tudo, a missão que o Senhor lhe confia.

PEDRO e a sua humildade - Evangelho

5. Os dois Apóstolos Pedro e Paulo são inseparáveis. Daí que a liturgia deste domingo consagre também a humildade de Pedro.

É curioso que, ao longo do Evangelho, aparece, inicialmente, um Pedro arrogante. Mas ao deixar-se apanhar por Jesus, este Apóstolo sente que não é digno da confiança que o Senhor tem nele.

A pesca milagrosa levou-o a reconhecer que acompanhava o Messias, o Salvador. Sentiu-se indigno e gritou: “Senhor, afasta-te de mim, que sou um homem pecador.” (Lc 5,8) Ao compreender, com os outros, quem era Jesus, de imediato deixou tudo e O seguiu (Lc 5,11).

Só um homem humilde, que reconhece o seu não-valor e a sua pequenez, é capaz de se apaixonar por Cristo e pelo Evangelho e fazer da entrega total o sentido da sua vida.

6. Poderíamos ficar, apenas, com estas considerações sobre a humildade, mas não é bastante para compreendermos melhor a atitude desta virtude, condição “sine qua non” para ser verdadeiro apóstolo ao serviço do Reino.

Não se pode, porém, ignorar o quanto de arrogância, vaidade, auto-suficiência, e até de egoísmo que se verifica em muitas comunidades cristãs. Não somente nos pastores que por missão consagrada as servem, mas também entre as pessoas que são escolhidas ou que auto se impõem no serviço da Igreja, quer seja na actividade catequética, litúrgica e socio-caritativa, quer nos vários sectores do apostolado

cristão. Há, infelizmente, um grande défice de humildade, virtude essencial para um verdadeiro apostolado cristão.

7. O cristão deve ser um apóstolo por força do sacramento do Baptismo recebido. Mas não o pode ser a seu belo prazer. Só vale a pena ser apóstolo quando se tem um coração humilde, consciente do pecado que sempre o acompanha, um coração de pobre, um coração disponível.

O cristão-apóstolo, deve viver o Evangelho à semelhança de Pedro e Paulo. É que, viver o Evangelho no coração do mundo, no meio de todas as situações, dá visibilidade à vida cristã.

Para que os outros acreditem em Jesus Cristo Salvador, os cristãos têm de viver os valores do Evangelho a tempo inteiro, 24 horas por dia.

Ser cristão-apóstolo é também uma questão de relações humanas. Atendamos que Jesus relacionou o amor de Deus com o amor dos irmãos: “Amarás o Senhor, teu Deus (...) Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes” (Mc 12,30-31).

8. Ser um cristão-apóstolo, humilde, implica então:

- Uma relação de amor, amor universal até ao perdão dos inimigos;
- Uma ralação de trabalho, enquanto serviço generoso e competente para o bem comum;
- Uma relação social, com respeito efectivo pelos direitos humanos e pela justiça e pela sua prática na vida quotidiana;
- Uma relação política, com a intervenção que permita transformar a cidade dos homens em cidade de paz;
- Uma relação económica, com a partilha necessária a favor dos mais pobres e dos que mais precisam;
- Uma relação humana humilde mas de qualidade em todas as situações da vida.

9. Há inúmeras situações na nossa existência que reclamam os valores do Evangelho: a humildade, a verdade e a autenticidade, a justiça e o direito, a liberdade e a intervenção, o amor e a ternura, para a reconciliação e a paz. Mesmo nas situações difíceis, o cristão sabe manter a serenidade se se deixar invadir pelos valores do Evangelho.

É assim:

- Nas situações de doença, porque se mantém a confiança em Deus e nos cuidados que são prestados;
- Nas situações de solidão, porque se descobre a constante presença de Deus e se sente conforto na visita aos que estão sós;

- Nas situações de angústia e de tristeza porque se tem consciência de que o Espírito Santo virá para converter o tempo difícil em alegria de ressurreição;
- Nas situações de alegria, porque Deus dá o equilíbrio para viver essas horas sem euforia, apenas como um dom que se agradece.

10. Para nos ajudar a viver o Evangelho em todos os momentos da vida, a Igreja oferece-nos os sacramentos, “sinais sociais que exprimem a fé e a fortalecem” (Código de Direito Canónico, cânones nº 840).

Nas grandes etapas da vida, cada sacramento conduz o cristão à fidelidade permanente:

- Ao nascer, recebemos o Baptismo, sinal de fé que é preciso alimentar para que cresça; antes da adolescência, vivemos a Comunhão (a Primeira Comunhão) que deverá acompanhar-nos de uma maneira especial nesse tempo de grande transformação; antes dos caminhos difíceis da juventude, afirmamos com a Confirmação ou Crisma a nossa fé comprometida e evangelizadora; na entrada no estado adulto, através dos sacramentos, quer do Matrimónio, quer da Ordem, aceitamos uma vocação para realizar um serviço na Igreja e no mundo; finalmente, na doença, celebramos a Unção dos Enfermos, para termos coragem nas horas de maior dificuldade;

No entanto, muito importante: podemos sempre reconciliar-nos com Deus e com os irmãos, através da reconciliação sacramental, dentro do espírito de grande humildade.

SENHOR, nesta caminhada ilumina-nos e ensina-nos a ser humildes e autênticos cristãos em todas as situações da vida.

Que o Senhor derrame sobre os meus amigos e amigas as suas abundantes bênçãos. Votos amigos de uma feliz semana.

N.B. Texto escrito segundo a antiga ortografia.

